

O DOCUMENTÁRIO COMO PRODUTO FINAL DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Mara Medeiros

RESUMO

O presente estudo parte do relato de uma experiência concreta com o documentário como produto final de uma pesquisa qualitativa, apresentando também argumento extraído da literatura, para defender uma possível adoção desta forma de comunicação, como relato científico. Considera-se aqui que tal produto seja capaz de dar um retorno ao público pesquisado, resgatando um compromisso da pesquisa qualitativa, e com a possibilidade de uma maior abrangência no meio acadêmico.

Palavras Chave: Documentário. Pesquisa Qualitativa. Relatório de Pesquisa.

ABSTRACT

The current study is part of a real documentary experience as a final product of a qualitative research, together with some literature points to defend the use of this technology as type of communication as scientific report. We consider that this product is able to touch the audience that helped doing it during research, rescuing a commitment of the the qualitative reserch with responsibility of a increase academic coverage.

Keywords : Documentary. Qualitative Research. Cientific Report.

RESUMEN

El presente estudio parte del relatorio concreto de una experiencia del documentario como producto final de una investigación cualitativa y presenta el argumento de la literatura para indicar una posible adoción de esa forma de comunicación como relatorio científico. Se considera que ese producto sea capable de regresar los datos al publico investigado haciendo el rescate de un compromiso de la investigación cualitativa, y también com la posibilidad de abarcar um numero mas grande de persona em el médio acadêmico.

Palabras Clave: Documentario. Investigación Cualitativa. Relatorio de Investigación.

Introdução

O cinema e o vídeo abrangem um público diversificado, em relação àquele que habitualmente consome relatos científicos. Mesmo no meio acadêmico, a produção de conhecimento encontra limites de divulgação, uma vez que depende de aspectos como: a indicação do professor, a reprodução do texto ou a sua busca em biblioteca, a leitura e a compreensão do aluno.

Nesse sentido, a utilização do documentário como uma das opções para o produto final de uma investigação científica pode aumentar a abrangência de uma

pesquisa, uma vez que esta pode ser apresentada, em um único momento, para um grupo significativo de alunos, criando assim um ambiente propício para a reflexão coletiva. Outro aspecto importante é por lidar com o fenômeno da reprodução da imagem que há muito desperta a atenção, desde a primeira exibição pública de cinema, em 1895.

Da mesma forma que atinge com mais facilidade a comunidade acadêmica, estando em forma de documentário o relatório de pesquisa também poderá ser consumido por populares, sobretudo aqueles que forneceram informações para que se realizasse o estudo. Seria então o documentário um instrumento pelo qual a pesquisa social resgata uma promessa implícita em seu processo que é a devolução das informações para o universo pesquisado.

O propósito deste estudo é o de conduzir a reflexão sobre as possibilidades do documentário ocupar o papel de relato de pesquisa qualitativa no meio acadêmico, partindo de uma experiência concreta com esse tipo de mídia. O trabalho de investigação relatado em forma de documentário é uma pesquisa a respeito de uma determinada dança quilombola que faz parte da cultura das cidades históricas do estado do Tocantins, dança essa denominada “Sucia”. Trata-se de um trabalho concluído em uma determinada região, município de Peixe. Entretanto o projeto inicial prevê outras cidades históricas do Tocantins e uma região de Alto Paraíso em Goiás, onde é possível encontrar remanescentes de escravos.

Enfocar prioritariamente a pesquisa qualitativa deve-se ao fato de esta ter a entrevista como instrumento privilegiado e o de reunir características subjetivas. Entretanto, deve-se considerar a possibilidade de que, em outro momento, seja enfocada também a pesquisa objetiva de natureza técnico-racionalista.

Reflexões sobre o Documentário e a Pesquisa

A natureza do Documentário coincide, em alguns aspectos, com a pesquisa qualitativa. Desde os primórdios da história dos documentários admite-se que a realidade é sua matéria prima, sobretudo após a obra de Robert Flahert (*Nanook of the North*, 1922) que retrata um dia na vida de um esquimó. Flahert, de acordo com Teixeira (2003) propõe que este tipo de cinema trabalhe com temas nativos, ou de uma comunidade, e que o documentarista conviva algum tempo com a comunidade retratada. Tal enfoque coincide com as definições de pesquisa qualitativa que encontramos na literatura da área, como é o caso de Lüdke e André, que usam em sua definição o fato de que este tipo de trabalho investigativo “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. (1986 p.18)

Segundo Teixeira (2004), o termo Documentário foi proposto em 1926 por John Gierson em 1926 e tem como base a significação de “Documento” como “prova da realidade” das Ciências Humanas do sec. XIX. Desde então a idéia de realidade se associa fortemente ao documentário. Entretanto, a argumentação mais recorrente é de que todo documentário é uma obra de ficção uma vez que se trata de uma narrativa que seleciona planos, montagem e sonorização. Em algum aspecto a pesquisa qualitativa também passa pela influência do pesquisador. Demo (1981 p. 19), quando trata do Objeto Construído e a relação entre sujeito e objeto, argumenta que

O sujeito é incapaz de apenas descrever, retratar o objeto como se fosse uma câmara fotográfica. Esta imagem – da máquina de fotografia- é feliz, porque revela que o retrato totalmente objetivo não existe: depende da qualidade do filme, da perfeição da máquina, das condições ambientais etc.

O referido autor acrescenta que, no caso do pesquisador, deve haver um esforço permanente em controlar a subjetividade “para não fazermos do objeto construído um objeto inventado” (p.19). Acreditamos ser este também um dilema dos documentaristas, o que deve acentuar-se no pesquisador documentarista, como propõe o presente estudo. É importante ressaltar a natureza científica implícita no surgimento do cinema. Bernadet (2000) comenta que um dos inventores do cinema, Lumière, quando foi procurado por George Méliès que se interessara pelo “cinématographo” para a finalidade de entretenimento, tratou de desencorajá-lo afirmando que tal aparelho se tratava de um instrumento científico e só poderia servir para pesquisas. Nesse sentido, a presente proposta estaria fazendo o caminho inverso uma vez que tende a extrapolar a condição de entretenimento do cinema, na direção do relatório de pesquisa.

O trabalho de documentário que aqui propomos se enquadra em uma linguagem cinematográfica da segunda metade do século XX em que

os cineastas voltam-se para o dia-a-dia de proletários, camponeses e pequena classe média. A rua e ambientes naturais substituem os estúdios [...] A linguagem simplifica-se, procurando captar este cotidiano e tentando ficar sempre apegada aos personagens e suas reações nas difíceis situações cotidianas (BERNARDET, 2000 p. 93,94).

Ou seja, a pesquisa social mantém as suas formas de planejamento, os seus instrumentos e suas análises, porém adota um segundo produto condizente com os avanços na área da comunicação e a popularização dos meios de captação de imagem parada e em movimento. Outro aspecto que encoraja a opção por este segundo produto é a possibilidade de socializar e massificar os resultados da pesquisa.

O enfoque do documentário como um segundo produto deve-se ao fato de considerar a formalidade de uma pesquisa e admitir que determinados detalhes, sobretudo da metodologia, seriam de difícil inclusão em uma linguagem cinematográfica. Ou seja, uma pesquisa relatada apenas com o documentário acabaria por omitir dados relevantes, ou resultaria em um produto demasiadamente extenso, o que, muitas vezes, compromete a qualidade e/ou dificulta a divulgação.

Registro de Imagem como Instrumento

Nos trabalhos de cunho qualitativo, partimos do princípio que o mundo social é ativamente construído por pessoas e, nesse caso, a entrevista, segundo Gaskell (2002 p. 65), “é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores [...]”.

O registro da entrevista semi-estruturada, entretanto, depende da conveniência e da forma de trabalho do pesquisador. Habitualmente a entrevista gravada ganha espaço, na medida em que dá ao entrevistador a liberdade de encaminhá-la como uma conversa informal e o fato do pesquisador poder estar atento à interação com o informante

(MEDEIROS, 1987). A pesquisa com vistas ao documentário, além de resgatar e manipular imagens alheias pode partir do princípio de registrar as próprias imagens com entrevistas filmadas. Para tanto, deve-se tomar alguns cuidados fundamentais como o de contar com um equipamento que permita tal registro.

Atualmente, as formas de registro da imagem parada e em movimento vêm sendo popularizadas com o avanço da tecnologia. As câmeras fotográficas funcionam como filmadoras e vice-versa, e estão cada dia mais acessíveis em termos de facilidade de compra. Outro aspecto que facilita o registro de imagens é a sua possibilidade a partir de alguns modelos de aparelhos da telefonia celular que vêm avançando em termos de qualidade da definição, hoje medida em *pixel*. Este termo, que se originou da abreviatura de *Picture* em inglês, é utilizado quando se faz referência à qualidade de uma imagem e é definido como “o menor ponto que forma uma imagem digital, sendo que o conjunto de milhares de pixels forma a imagem inteira” (WIKIPÉDIA).

Silveira (2008) utilizou o registro de imagem em movimento a partir de uma câmera fotográfica como instrumento de sua pesquisa e, posteriormente, organizou o material como um segundo produto de sua pesquisa-ação. Da mesma forma Bastos (2007) --apresentou um documentário de sete minutos, a partir do levantamento histórico do esporte no período militar. Nesse caso específico foram utilizadas as imagens fotográficas da época, associadas ao áudio das entrevistas gravadas que realizou.

Como evidenciamos a partir das experiências realizadas, além do registro da entrevista em si, o pesquisador pode trabalhar com o que alguns autores definem como imagem “pura” que, segundo Lins e Mesquita (2008, p. 18), são planos em que pessoas não falam, mas que dão conta de um contexto que contribui para a identificação de contradições, ambigüidades e/ou traços de uma determinada cultura.

Nessas circunstâncias a realização de um filme se daria a partir de teorias capazes de fornecer explicações, como em qualquer pesquisa e as falas dos informantes “ são tomadas como exemplo ou ilustração de uma tese ou argumento” (LINS; MESQUITA, p. 21).

Entretanto, o documentário em vídeo não ficaria refém da imagem em movimento, uma vez que existe também a possibilidade de se trabalhar com a imagem parada, produto da fotografia, em edições de documentário. Medeiros (2007) realizou uma etnografia das imagens que reuniu a partir de uma vivência com uma comunidade de acatados, enfocando o corpo em luta. Tal trabalho, com base em imagens paradas, resultou em um produto cinematográfico de doze minutos que, posteriormente, foi selecionado para um festival de cinema universitário.

Edição como Linguagem

A edição em si representa um tipo de linguagem, uma vez que ocorre nela a narrativa do autor. Tal narrativa se vale de planos, sonorizações e textos que acompanham um documentário, sendo que o editor tem também o poder de limitar e associar depoimentos, com a tecnologia a seu favor.

Nesse caso, a preocupação ética do pesquisador se sobrepõe ao apelo estético do meio cinematográfico, uma vez que a pesquisa científica se distancia do cinema e, até mesmo, do labor jornalístico visto que a verdade é objetivada independentemente do clamor do público que, muitas vezes, requer um enriquecimento da dramaturgia. Segundo Bernardet (apud LINS e MESQUITA, 2008 p. 52) “o documentarista

determina um projeto, sabe de onde parte, sabe o que gostaria de alcançar, mas não prevê os resultados a que chegará nem o percurso que terá de cumprir”.

A tarefa de edição pode significar restrição, na medida em que demanda um conhecimento mínimo de informática e uma familiarização com programas de computador destinados a esse fim. Tais programas podem ser desde os mais facilitados, até os mais sofisticados e profissionais. Podemos aqui citar *Power Director* da *Cyberlink*, bastante simplificado e ao alcance de iniciantes e o *Sonny Vegas* da *Sony Media Software*, um pouco mais sofisticado e com maiores possibilidades de intervenção, mas que também é acessível a uma pessoa que possua um mediano conhecimento de informática.

Uma vez que defendemos o documentário como relatório vivo de uma pesquisa, é necessário ressaltar que tal produção, de natureza quase artesanal, estaria em uma classificação cinematográfica como nos primórdios da história do cinema em que uma pessoa ou um pequeno grupo pensava o filme, filmava-o e montava-o. Ou seja, sem o rigor das grandes produções com planejamento, roteiro preciso, elenco, orçamento detalhado e etc.

Entretanto, a produção de um relato a partir da linguagem do vídeo não deve depender do pesquisador reunir conhecimentos para realizar, ele próprio, a edição. A montagem é possível a partir do trabalho de terceiros, estando o pesquisador atento ao seu objetivo inicial, durante o processo de edição. Dos três trabalhos a que no referimos anteriormente, como exemplos, apenas Medeiros (2007) atuou como editora. Maria Cristina (2007) e Silveira (2008), atuaram na orientação de técnicos que dominavam a tecnologia.

Quanto à linguagem ideal para o relatório/documentário, buscamos uma vez mais Bernadet (2000 p. 33) que afirma que “ a linguagem desenvolveu-se, portanto, para tornar o cinema apto a contar histórias” e, nesse sentido, defendemos que a linguagem científica deve ser desenvolvida a partir dos processos das produções. Assim sendo, afirmamos que pessoalmente ou a partir de trabalho de terceiros, é de extrema importância a lógica de dominar a estética em favor da produção do conhecimento. Acreditamos ser este o grande problema do documentário científico que aqui defendemos.

O Direito de Utilização de Imagem

Um cuidado também presente nas pesquisas comuns, objeto de atenção dos Comitês de Ética, é o uso da imagem. No caso da pesquisa que contará com o documentário como produto final é necessário, então, usar dos mesmos expedientes para a autorização do uso de informação e imagem.

É importante ressaltar que a Constituição vigente traz três incisos do seu artigo 5º que tratam de proteger o uso da imagem. O uso é permitido desde que não cause qualquer tipo de dano a essa imagem e, também, desde que não viole a intimidade da vida privada. É assegurado, nos termos da lei, “ a proteção as participações individuais em obras coletivas e a reprodução da imagem e voz humanas, inclusive nas atividades esportivas” (BRASIL, 1988).

A pesquisa da Dança Quilombola

O trabalho de pesquisa aqui apresentado e que, uma vez finalizado, recebeu a denominação de “*Sucia em Peixe: a ressignificação da cultura quilombola*”, faz parte de um projeto maior que visa identificar e analisar as diferentes vertentes da referida dança, originária dos escravos. Nesse caso específico foi recortada uma das cidades históricas do estado do Tocantins, Peixe, onde a tradição vem recebendo influências localizadas e se afastando da origem.

Embora o documentário possa contar com a imagem parada da fotografia, a pesquisa da dança quilombola no município de Peixe, no Tocantins, teve como instrumento privilegiado a entrevista gravada em imagem e som. Foram também utilizadas as imagens da dança em si, registradas por ocasião de uma festa religiosa (Santana), no dia 26 de julho de 2008, no salão paroquial da cidade.

As filmagens foram obtidas a partir de uma câmera amadora, da marca Sony DCR-SR220. O cenário natural para as entrevistas (forno a lenha) é uma opção estética e foi selecionado porque acreditávamos que este refletisse a simplicidade do local. A entrevista foi realizada com câmera parada, a partir de um único ângulo, e o entrevistador fora da cena. As imagens e áudio da dança, entretanto, foram captados de maneira precária, buscando visibilidade em plano geral, uma vez que se tratava de uma festa em que o pesquisador não tinha como escolher um ângulo ou o cenário perfeito. Nesse sentido, é importante ressaltar que o ângulo da câmera mais elevada (de cima para baixo), na filmagem da dança, não reflete um recorte projetado, mas a única possibilidade possível.

A dança pesquisada, denominada *Sucia*, é de origem escrava e não se identificou o significado de sua denominação. A nossa argumentação a respeito do nome é de que “súcia”, em espanhol, significa “suja” e que em português define-se como “reunião de pessoas de má índole”¹, o que se associa ao caráter discriminatório das manifestações dos escravos no Brasil colônia. A presença da referida dança nos festejos religiosos e a sua realização no salão paroquial, nos faz atentar para outro aspecto: a aproximação, na atualidade, das esferas do sagrado e do profano. Retomamos aqui o argumento de Lins e Mesquita (2008) quando abordam que as ambigüidades e sentidos múltiplos não são resolvidos na montagem e que contradições não ganham sínteses, mas são postas lado a lado.

Quanto ao método, a organização das ações que antecedem uma pesquisa manteve a mesma rotina de uma investigação que visa um relato convencional, mesmo na elaboração dos instrumentos de pesquisa. A fase de coleta de dados, entretanto, dependeu de contatos prévios no sentido de viabilizar a filmagem, uma vez que, em alguns casos, tal registro pode causar constrangimento ao sujeito investigado.

A edição foi a partir do programa Sony Vegas 7.0 e a sua linguagem seguiu a lógica de categorias de análise, ou seja, tratou-se de identificar a compreensão dos entrevistados sobre os seguintes aspectos: a) a origem da dança; b) a confecção dos instrumentos; c) como são concebidas as músicas e d) a forma correta de dançar.

Durante a entrevista, um dos únicos músicos que viabilizam a manifestação da dança na cidade de Peixe, conhecido na comunidade como Tio Bispo, fala livremente a respeito das perguntas formuladas e que atendem às categorias expressas no parágrafo anterior. Foi bastante severa a edição da referida entrevista, uma vez que existia a determinação de tempo, já que o vídeo participou de um festival de curtas que

¹ Priberam – Dicionário de Língua Portuguesa.

estipulava o tempo total em cinco minutos. Apesar da edição, foram preservadas as informações naquilo que tinham de essencial, considerando o objeto de nosso estudo. Também foram preservadas expressões e gesticulações características daquela população ribeirinha.

Quanto à dança, a edição priorizou a apresentação de diferentes estilos da dança das mulheres e dos homens e, também, a presença de adeptos de várias idades. O fato de não ser perceptível uma uniformidade na dança, a pergunta sobre a maneira correta de se dançar foi encaminhada ao informante, cuja resposta demonstrou desconhecimento de sua parte.

Enfim, neste relatório/documentário a lógica da montagem segue a estrutura do pensamento dentro do planejado a respeito das categorias de análise. Tal postura vai de encontro a Bernadet (2000 p. 49) quando trata do cinema de Eisenstein e afirma que “o que vai guiar a montagem não será a sucessão dos fatos a relatar para contar uma estória ou descrever uma situação, mas o desenvolvimento de um raciocínio”. O mesmo autor aponta para a vertente soviética do cinema ensaístico, ou seja, “um cinema que, liberto do enredo, pudesse abordar e discutir qualquer assunto” (p.50).

As músicas do vídeo foram exatamente aquelas executadas no festejo pesquisado, gravadas em tempo real. A trilha utilizada nos momentos do filme em que aparecem textos que levam à reflexão trata-se de uma reprodução, em solo de violão, de um dos temas cantados durante a dança. A opção de trabalhar com uma trilha assim singela busca a idéia defendida por Bernadet (2000) da música “transparente”, que se trata daquela sonorização que ouvimos, que age sobre nós, mas que não nos damos conta dela.

A respeito do que se buscou levantar e analisar a respeito da dança quilombola, o resultado que se mostra naquela região pesquisada é o desconhecimento das origens da *sucia*, a improvisação dos instrumentos e uma ausência de ensinamentos sobre as músicas e a maneira de se dançar. Isso por parte dos músicos e das pessoas mais antigas da comunidade, que participam ativamente dos festejos e da dança em si.

Uma vez que a *sucia* faz parte da tradição nas cidades mais antigas do estado do Tocantins, a solução apontada, em forma de projeto educacional, é a inclusão das explicações históricas da dança, no ambiente escolar, mais especificamente nas disciplinas história e educação física, como parte da determinação legal da introdução da cultura afro brasileira como conteúdo obrigatório. Além das explicações teóricas, o projeto de resgate prevê oficinas de dança e de confecção de instrumentos. Entretanto, tal projeto já apresentado em forma preliminar para a prefeitura local, depende do avanço da pesquisa em outras localidades², para que sejam estabelecidas as estratégias de introdução de tal conteúdo nas escolas públicas daquele município.

A partir de um evento coletivo na cidade onde se originou a pesquisa, o filme, até o presente momento, foi apresentado uma única vez em um ginásio de esportes e já trouxe algum resultado, como o despertar da necessidade de políticas públicas voltadas para a cultura. Tal preocupação partiu de dois secretários que recentemente tomavam posse na prefeitura local. Entretanto, não temos registro do impacto do filme na população, uma vez que não se criou ainda uma estratégia de popularização dos resultados. Do ponto de vista da arte, uma vez inscrito em um festival de cinema

² O que envolve a comunidade calunga de Alto Paraíso, região de Goiás que registra a presença de comunidades quilombolas e onde vislumbramos uma dança com raízes mais profundas e menor interferência de outras culturas.

estadual, o documentário ficou com o segundo lugar na modalidade de filme caseiro. Quanto á repercussão no meio acadêmico, o Conbrace representa a primeira experiência que estará sendo registrada no sentido de qualificar positiva ou negativamente o nosso argumento.

Durante o processo de edição houve o cuidado de se buscar a autorização dos envolvidos, tanto nas entrevistas como na dança, sobre o uso da imagem. Trata-se de um termo de consentimento, elaborado nos mesmos moldes de uma pesquisa com um relato convencional. Durante os festejos era grande a participação de crianças naquela manifestação cultural. Entretanto, como se tratava de período de férias e não era possível localizar seus responsáveis, tais imagens foram desprezadas na edição.

Considerações Finais

Acreditamos que a utilização do documentário como produto final de uma pesquisa aumentará o seu raio de abrangência, uma vez que poderá ser consumido pela comunidade acadêmica e a população alvo de uma investigação. Mesmo no meio acadêmico vislumbramos um maior compartilhamento dos resultados, não apenas pelo fascínio gerado pela associação do som e da imagem, mas pela possibilidade de atingir, ao mesmo tempo, um grande número de pessoas o que viabiliza e alimenta um possível debate de idéias.

Não sugerimos aqui que o documentário venha a substituir os diversos tipos de relatórios (como os artigos científicos), mas que venha acrescentar ou somar aos relatórios já considerados. Tal medida demandaria uma política de valorização nas instituições de ensino e na organização dos eventos. No caso específico dos trabalhos de final de curso, a nossa sugestão seria para que o documentário, como segundo produto, fosse valorizado em termos avaliativos, e contemplado nas apresentações ou defesas, uma vez que podem demandar mais tempo.

Os programas de edição disponíveis são relativamente de fácil manuseio, de maneira que o aluno poderia produzir o seu próprio filme. Entretanto, tal produto também poderia ser resultado do trabalho de uma equipe ou de terceiros, o que não diminuiria o esforço do aluno em buscar outras linguagens condizentes com os avanços tecnológicos da atualidade.

A presente proposta vem sendo efetivada em trabalhos de final de curso, a partir de nossa orientação e se mostra viável. Entretanto, dois dos exemplos aqui apresentados não contavam com a organização da instituição e foram contemplados apenas na apresentação. Um deles, pela natureza da banca e a experiente de seus membros com esse tipo de mídia, foi entregue como anexo da versão impressa e avaliado como produto final.

Isso nos leva a uma reflexão a respeito da avaliação desse produto, o que deve ser objeto de debate. Até o presente momento, o que temos acompanhado é o documentário valorizando as apresentações dos trabalhos de final de curso. Entretanto, acreditamos que, à medida que a produção de tais trabalhos seja mais significativa, serão criados novos fóruns que os contemplem.

Bibliografia

BASTOS, Maria Cristina B.M. *O Esporte em Goiás na Era Médice*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.(trabalho de final de curso)

- BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BITTAR, Carlos Alberto. *Os Direitos de Personalidade*. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988.
- DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1981
- GASKELL, George. *Entrevistas Individuais e Grupais in Pesquisa Qualitativa com Texto, imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LINS, Consuelo & MESQUITA, Claudia. *Filmar o Real*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MEDEIROS, Mara. *Metodologia da Pesquisa na Iniciação Científica*. Goiânia: Vieira, 2006.
- _____. *Fica só Molengueza*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1987.
- MEDEIROS, Luciana. *A Trajetória do Corpo em Luta*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007. (trabalho de final de curso)
- SILVEIRA, Enilson Borges. *A Biodança com Portadores da Síndrome de Down*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2008. (trabalho de final de curso)
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. *Documentários no Brasil – Tradição e Transformação*. São Paulo: Summus, 2004
- _____. *Terceiro Olho: Ensaio de Cinema e Vídeo*. São Paulo: Perspectiva, 2003
- PRIBERAM. Dicionário de Língua Portuguesa. WWW.priberam.pt
- WIKIPÉDIA. Enciclopédia Livre. WWW.wikipedia.org

Autora: Dra. Mara Medeiros

Endereço: Alameda Cel. Joaquim Bastos n. 61 apt. 101 Setor Marista Goiânia

e-mail: maramedeiros@yahoo.com.br

Recurso: Data Show